

AS VARAS DA ARCA DA ALIANÇA: ACESSÓRIOS FIXOS OU REMOVÍVEIS?

THE POLES OF THE ARK OF THE COVENANT: FIXED OR
REMOVABLE ACCESSORIES?

LAS VARAS DEL ARCA DEL PACTO: ¿ACCESORIOS FIJOS O
DESMONTABLES?

Jair Ferreira da Silva¹

RESUMO

O longo processo redacional do Antigo Testamento e a influência de diversas culturas na composição de seus escritos ensejam dificuldades de compreensão e interpretação de alguns de seus textos, sobretudo em passagens correlatas que se contrapõem. Uma leitura atenta, minuciosa e concatenada desses textos possibilita apontar alguns obstáculos de entendimento para o leitor hodierno, a exemplo de “As varas estarão nas argolas da arca, não se tirarão dela” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:15, 2015, ACF) e “... e lhe colocarão os varais” (BIBLEWORKS 10. Números 4:6, 2015, ACF). Essa aparente discordância que tangencia a mobilidade dos acessórios da Arca da Aliança, além de obstar a interpretação, pode levar o leitor a duvidar da veracidade da informação desses versículos bíblicos, bem como de sua inspiração, causada por essa oposição informativa. O problema levantado neste artigo consiste em se saber se de fato as varas que serviam para transportar a Arca da Aliança eram acessórios fixos ou não, já que esses textos, aparentemente contraditórios a esse respeito, suportam ambas as ideias. A discrepância pode ser causada pelo modo como os redatores conceberam o objeto e seus acessórios, e a forma como descreveram as informações para um público leitor posterior, muito distante do ambiente histórico-cultural da época, não conhecedor do objeto e suas partes e muito menos da sua arquitetura. Dessa forma, o presente texto pretende explorar objeto similar descoberto no Egito

¹ Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); especialista em Administração Financeira e Coordenação Pedagógica e Planejamento pela Faculdade Ágora; bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA); licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR); bacharel em Administração pela Faculdade Ágora; pós-graduando em Estudos Analíticos do Pentateuco pela FABAPAR e graduando e licenciando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: jair.enom@gmail.com

que muito se assemelha ao da descrição bíblica e, por meio dele, propor uma solução que viabilize a compreensão de ambas as passagens, mitigando aspectos aparentemente contraditórios.

Palavras-chave: Antigo Testamento; argolas; objeto de culto; varas.

ABSTRACT

The long editing process of the Old Testament and the influence of different cultures in the composition of its writings give rise to difficulties in understanding and interpreting some of its texts, especially in related passages that are opposed. A careful, thorough and concatenated reading of these texts makes it possible to point out some obstacles to understanding for the modern reader, such as “The poles shall remain in the rings of the ark; they shall not be taken from it” (BIBLEWORKS 10. Exodus 25:15, 2015, NRS) and “... and shall put its poles in place” (BIBLEWORKS 10. Numbers 4:6, 2015, NRS). This apparent disagreement that touches the mobility of the accessories of the Ark of the Covenant, in addition to impeding the interpretation, can lead the reader to doubt the veracity of the information in these biblical verses, as well as their inspiration, caused by this informative opposition. The problem raised in this article is whether in fact the poles that served to transport the Ark of the Covenant were fixed accessories or not, since these texts, apparently contradictory in this regard, support both ideas. The discrepancy may be caused by the way the writers conceived the object and its accessories and the way they described the information for a later reading public, very distant from the historical-cultural environment of the time, not familiar with the object and its parts, let alone the its architecture. In this way, the present text intends to explore a similar object discovered in Egypt that is very similar to the biblical description and, through it, propose a solution that enables the understanding of both passages, mitigating apparently contradictory aspects.

Keywords: Old Testament; rings; cultic object; poles.

RESUMEN

El largo proceso de redacción del Antiguo Testamento y la influencia de diferentes culturas en la composición de sus escritos dan lugar a dificultades en la comprensión e interpretación de algunos de sus textos, especialmente en pasajes relacionados que se contraponen. Una lectura cuidadosa, minuciosa y concatenada de estos textos permite señalar algunos obstáculos de comprensión para el lector moderno, tales como “Las varas permanecerán en los aros del arca; no se quitarán de ella” (BIBLEWORKS 10. Éxodo 25:15, 2015, RVA) y “Luego le pondrán sus varas” (BIBLEWORKS 10. Números 4:6, 2015, RVA). Esta aparente discrepancia que toca a la movilidad de los accesorios del Arca de la Alianza, además de dificultar la interpretación, puede llevar al lector a dudar de la veracidad de la información de estos versículos bíblicos, así como de su inspiración, provocada por esta oposición informativa. El problema planteado en este artículo consiste en saber si en realidad las varas que servían para transportar el Arca de la Alianza eran accesorios fijos o no, ya que estos textos, aparentemente contradictorios en este sentido, sustentan ambas ideas. La discrepancia puede ser causada por la forma en que los escritores concibieron el objeto y sus accesorios, y la forma en que describieron la información a un lector posterior, muy alejado del entorno histórico-cultural de la época, no conocedor del objeto y sus partes, mucho menos de su arquitectura. De esta forma, el presente texto pretende explorar un objeto similar descubierto en Egipto que es muy similar a la descripción bíblica y, a través de él, proponer una solución que facilite la comprensión de ambos pasajes, mitigando aspectos aparentemente contradictorio.

Palabras clave: Antiguo Testamento; aros; objeto de culto; varas.

INTRODUÇÃO

A presença de diversos povos nas páginas do Antigo Testamento evidencia que os israelitas conviveram, assimilaram e foram influenciados sobremaneira pelo estrangeirismo. Dessa forma, uma mescla de heranças e tradições formadas por convivências múltiplas se incorporaram à cultura do antigo Israel, especialmente a egípcia. O povo egípcio se tornou protagonista no cenário sociopolítico da época, passando também a ocupar lugar proeminente na formação histórico-cultural de povos dominados (BRIGHT, 2003, p. 91, 221, 300; HOFFMEIER, 2005, p. 221-222), a exemplo dos israelitas. Como

protagonistas, os egípcios contribuíram significativamente nos processos históricos e expressões culturais de vários contextos bíblicos, sobressaindo-se aqueles que concebem a formação da religião do antigo Israel. Observa-se, a partir desse fenômeno, uma inculturação material que favoreceu a recepção de alguns objetos egípcios² no ambiente israelita contemporâneo. Alguns deles foram ressignificados e passaram a ocupar um espaço sagrado por meio de um ritual de unção e santificação (BIBLEWORKS 10. Números 7:1, 2015, ACF), que os tornaram aptos ao serviço do culto e foram, inicialmente, colocados num santuário móvel, o Tabernáculo³.

Dentre os objetos rituais do Tabernáculo, a Arca⁴ do Sinai é o mobiliário central. Ela também é o mais importante e sagrado artefato da religião do antigo Israel (BAKER, 2010, p. 247; CASSUTO, 1997, p. 328; EICHLER, 2016, p. 733; HAMILTON, 2011, p. 1458; HILL; WALTON, 2010, p. 557) e parece ter sua origem na terra dos faraós, na análoga barca de procissão egípcia (NOEGEL, 2015, p. 223-242). O objeto foi construído inicialmente para compor a mobília única no santo dos santos (BIBLEWORKS 10. Números 4:4, 2015, ACF), de sorte que a sua manufatura e história remontam aos primórdios da sistematização da religião israelita. Sua proeminência é atestada diversas vezes na Bíblia Hebraica, notadamente no Pentateuco, estando presente, também, na literatura extrabíblica.

Popularmente conhecido como a “Arca da Aliança”, o objeto é elemento da simbologia religiosa judaica e, mais recentemente, insígnia de alguns cultos cristãos. O interesse em investigá-lo continua nos círculos universitários, sobretudo estrangeiros, que lhe dão memória e continuidade por meio de estudos, debates e publicações acadêmicas.

Dada a notoriedade do objeto e o intuito de apresentar e aclarar contextos aparentemente controversos a respeito da disposição e mobilidade de seus acessórios em narrativas distintas, rememora-se aqui as partes textuais que compõem o eixo do presente estudo: “As varas estarão nas argolas da arca, não se tirarão dela” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:15,

2 Os artesãos egípcios produziam diversas peças do mobiliário doméstico, como mesas, camas, armários, cadeiras, caixas de madeira etc. Em se tratando de caixas e baús de madeira, o antigo Egito conheceu pelo menos 24 tipos diferentes. Cf. FALK, 2020, p. 48.

3 Tenda móvel construída por Moisés, na região do Sinai, para finalidade cültica da religião do antigo Israel (Êxodo 25-27, 30).

4 Optou-se, inicialmente, por utilizar a palavra “objeto” para se referir à Arca da Aliança por equivalência de gênero (masculino) entre esse termo e o hebraico “*aron*”. Seguindo a preferência dos documentos deuteronomista e sacerdotal, este artigo denomina o objeto de “Arca da Aliança” como seu nome próprio. Também se utiliza de uma forma reduzida, “Arca”.

2015, ACF) e “... e lhe colocarão os varais” (BIBLEWORKS 10. Números 4:6, 2015, ACF). Ambos os versículos mencionam “as varas” ou “os varais” como acessórios utilizados para carregamento da Arca. Por intermédio dessas peças, ela deveria ser alceada e apoiada nos ombros dos sacerdotes a fim de que fosse conduzida incólume. Precavendo eventual lapso de procedimento e até mesmo extravios, as varas que a transportavam deveriam nela estar de forma permanente.

Contudo, sob uma outra perspectiva, Números afirma que as varas deveriam ser colocadas no objeto para mobilização, o que suscita divergência nas informações desses textos no tocante à removibilidade ou não dessas peças, resultando na seguinte questão: as varas ou os varais de carregamento da Arca da Aliança eram acessórios fixos ou removíveis?

Por conseguinte, objetiva-se apresentar uma solução à questão embasada em imagens de objetos arqueológicos similares registradas por Falk (2020) e artigos e figuras selecionados por Eichler (2014; 2015b). A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica com enfoque qualitativo indutivo (CRESWELL, 2010, p. 26). Uma análise documentária de imagem provê comparação focada no conteúdo informacional e na dimensão expressiva (SMIT, 1996 apud MANINI, 2002, p. 103-117). Para isso, serão investigados os acessórios “argolas” e “varas ou varais” por meio de um levantamento descritivo deles, especialmente quanto à forma e dimensão. Importará, ainda, identificar o posicionamento desses acessórios e comparar as semelhanças e diferenças da descrição da Arca com modelos atuais e outras imagens correlatas.

A escassez de material sobre a Arca da Aliança no vernáculo, que investigue e aborde o tema com qualidade e profundidade, motivou a produção do presente artigo. Desse modo, espera-se, além de apresentar uma proposta hermenêutica, mitigar a lacuna existente ao estudioso sobre o objeto mais importante da história da religião do antigo Israel.

1 A ARCA NO CONTEXTO BÍBLICO

O termo “arca”, como objeto secular, é mencionado 7 vezes na Bíblia Hebraica. Na qualidade de objeto religioso, é mencionado 195 vezes, sendo 53 sem qualificação e 82 associadas a nomes de divindades (SEOW, 1992, p. 386-387). Na ordem canônica, esse termo aparece primeiro em Gênesis 50:26,

onde foi traduzido em algumas versões portuguesas por “caixão” – ACF⁵, ARA⁶, ARC⁷ (BibleWorks 10, 2015). Nesse contexto, o termo denota um objeto de uso secular, provavelmente fabricado no Egito.

De modo análogo, as referências de BibleWorks 10 (2015, ACF, ARA, ARC) de II Reis 12:10 e II Crônicas 24:8,10,11 remetem o mesmo termo ao português, como “cofre” (ACF), “caixa e cofre” (ARA) e “arca” (ARC). No BibleWorks 10, 2015, Êxodo 25:10, Josué 4:5 e I Samuel 3:3, as versões ACF, ARA e ARC são unânimes em apresentar “arca” em suas traduções ao português. Nessas passagens de tradução comum, o objeto está associado à divindade e, portanto, se reveste de caráter sagrado (KOEHLER; BAUMGARTNER, 1994, p. 85). O hebraico bíblico evidencia, assim, que o uso do termo אֲרוֹן *‘aron*, que se traduz diretamente “arca”, pode referir-se a objeto de uso secular ou religioso.

Na dimensão de objeto sagrado e funcional, a Bíblia apresenta diferentes nomenclaturas associadas a ele. Na literatura bíblica pré-exílica, o objeto recebeu denominações diversas, como “uma arca sagrada”, “a arca sagrada”, “a arca de Javé”, “a arca do Deus de Israel” e “a arca de Javé militante”. Nos documentos deuteronomista e sacerdotal⁸, o objeto é denominado, respectivamente, de “a Arca da Aliança” e “a Arca do Testemunho” (ARNOLD, 1969). A associação “do Testemunho” parece ser a mais antiga, contudo, o termo עֲדוּת *‘edut*, que se traduz diretamente como “testemunho”, tornou-se amplamente obsoleto no hebraico (SARNA, 1986, p. 208) e de uso não comum.

Por isso, este artigo utiliza a denominação deuteronomista “a Arca da Aliança”, conquanto suportado pela narrativa sacerdotal. Mesmo procedentes de fontes diferentes, ambas as *designações* são compatíveis entre si (EICHLER, 2015b, p. II). Essa pluralidade de associações em contextos bíblicos distintos tem suscitado discussões e debates. Os estudiosos bíblicos não são unânimes na compreensão de um objeto singular, ademais, divergem quanto a sua procedência e iconografia.

5 Versão Almeida Corrigida e Fiel.

6 Versão Almeida Revista e Atualizada.

7 Versão Almeida Revista e Corrigida.

8 Trata-se de uma das quatro fontes do Pentateuco, exatamente a responsável pelo Deuteronomio. Esse documento ou tradição contempla o próprio Deuteronomio e abrange Josué, Juizes, Samuel e Reis. O Documento Sacerdotal é um documento ou tradição mais recente. É representado pela letra “P” (*Priest*). Seu material provém dos ambientes sacerdotais do exílio e da comunidade pós-exílica. Cf. VV. AA., 2000, p. 33; 78-79.

Também não há consenso acadêmico a respeito de seu material construtivo, forma e função (HOFFMEIER, 2005, p. 209-211). Sua funcionalidade é um dos aspectos mais polêmicos, além de sua relação com a divindade (KITCHEN, 1993, p. 125). Recentemente, Noegel (2015) propôs ser a Arca da Aliança de origem egípcia e semelhante, em sua arquitetura e funcionalidade, à barca de procissão egípcia, a qual os israelitas, possivelmente, assimilaram e introduziram em seus materiais sacros durante a vagueação pelo deserto. Seus argumentos possibilitam pensar em materiais alternativos de construção para o objeto, como o emprego de madeira mais leve e acabamento tênue.

Diferentes aspectos da Arca são tratados em conjunto com a ênfase que cada autor lhe dedica em particular, o que consolida uma base teórica geral e específica distinta para o objeto na literatura.

2 A ARCA DA ALIANÇA

De acordo com o relato de Êxodo 25:10 (BIBLEWORKS 10, 2015, ACF) e versículos seguintes, a Arca da Aliança era um objeto de madeira⁹ revestido de ouro puro¹⁰ por dentro e por fora e tinha a forma de uma caixa retangular. Alguns estudiosos acreditam que a sua mais antiga referência esteja no livro de Números, na chamada “Canção da Arca”¹¹ (BIBLEWORKS 10. Números 10:35-36, 2015, ACF). Não se tem informação bíblica de seu peso neto, exceto que podia ser alceado e carregado nos ombros dos sacerdotes¹². É assim denominado por causa das tábuas da lei¹³ nele contidas, que ratificavam a “Aliança” dos israelitas com Javé no Sinai (BIBLEWORKS 10. Números 10:33;

9 Setim ou acácia. Madeira resistente, dura, pesada e imune ao ataque de insetos e da umidade, portanto, de alta durabilidade. Ver: MARTINI, 2016, p. 11-24. O termo *setim* ocorre 28 vezes no Antigo Testamento, 26 em Êxodo e uma vez em Deuteronômio (10:3), onde Moisés aparece fazendo uma arca de acácia (variante para *setim*). A única referência a acácia fora do Pentateuco está em Isaías 41:19, mas mesmo aqui está localizada “no deserto”. Cf. HOFFMEIER, 2005, p. 209.

10 O metal utilizado para fazer a arca e sua tampa era de *תהור*, *tahôr*, ou seja, “ouro puro, cerimonialmente limpo” (Êxodo 25:11,17). A ideia não é que o ouro utilizado fosse de 24 quilates, totalmente puro. “Ouro puro” significava também *electrum*, uma liga de ouro e prata, muito utilizada pelos egípcios, ou, mais provavelmente, ouro não usado anteriormente num ídolo cultural. Cf.: FALK, 2020, p. 65.

11 Cf.: ACKERMAN, 2000, p. 510.

12 Ver Êxodo 25:14; Números 7:9; Josué 3:13; 4:16; 6:12; I Reis 2:26 e I Crônicas. 15:15. Dada a sua finalidade móvel, o objeto não poderia ser muito pesado e acredita-se que, considerando o propiciatório, seu peso neto era de aproximadamente 83 quilos. Calculando-se os materiais com suas respectivas densidades, a caixa e seus acessórios deveriam pesar cerca de 38 quilos (caixa de madeira = 14,7 kg; ouro aplicado no revestimento = 20 kg e as varas, seu revestimento e as argolas = 2,6 kg). Cf. SCHATZ, 2007; DERBY, 2005.

13 É denominada de tábuas da aliança. No documento deuteronomista, a palavra “aliança” tornou-se sinônimo de mandamento. Cf.: RAD, 2006, p. 131.

Deuteronômio 10:8, 2015, ACF). A Arca deveria ser colocada no interior do Tabernáculo e mantida lá para repositório do texto do testemunho: “Depois porás na arca o testemunho, que eu te darei” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:16, 2015, ACF). Na qualidade de objeto sagrado, não poderia nem mesmo ser visto (BIBLEWORKS 10. Números 4:18-20, 2015, ACF).

Para seu carregamento, era necessário envolvê-lo em cortina, couro fino e tecido azul celeste (BIBLEWORKS 10. Números 4:5-6, 2015, ACF). Rad (2006, p. 215) afirma que, entre os símbolos cúlticos dos antigos israelitas, a Arca da Aliança foi o único objeto que resistiu aos ataques da proibição de imagens. Para esse teólogo, “a arca foi reduzida, pela teologia deuteronômica, a um receptáculo contendo as tábuas da lei” (BIBLEWORKS 10. Deuteronômio 10:1 e ss; I Reis 8:9, 2015, ACF). Sua descrição, juntamente com outros itens do mobiliário, antecede a do próprio Tabernáculo. Cassuto (1997, p. 328) observa nessa inversão cronológica da narrativa a importância primordial da Arca. Para esse estudioso, a santidade desse objeto é superior à do Tabernáculo. Ele afirma que “o Tabernáculo serve para protegê-lo, mas ele não serve ao Tabernáculo”.

Nele havia quatro argolas feitas de ouro, colocadas em pares, nos cantos, em suas laterais¹⁴ ou lados (v. 12). A palavra hebraica traduzida para “lateral” ou “lado” é a mesma utilizada para traduzir “costela”, e ocorre pela primeira vez em Gênesis 2:21 (BIBLEWORKS 10, 2015, WTT). Considerando as características anatômicas da costela humana, é possível induzir que as laterais da Arca da Aliança eram construídas com pedaços menores de madeira emparelhados, cuja disposição se assemelhava a essa parte do esqueleto humano. É sabido, por meio da história deuteronomista, que as paredes do templo de Salomão empregaram “costelas de cedro” (בְּצִלְעוֹת אֲרָזִים) no revestimento interno da edificação (BIBLEWORKS 10. I Reis 6:15, 2015, WTT) (tradução do autor).

Desde tempos remotos, os egípcios dominaram a confecção de barcos, santuários e caixões com pedaços menores de madeira (HOFFMEIER, 2005, p. 211) e essa prática possivelmente foi assimilada pelos israelitas. Objetos

14 Cf.: Hamilton (2011, p. 1457). A palavra hebraica para “lado”, צֶלַע, aqui e no v. 14, é a palavra traduzida como “costela”. De acordo com informações do site <https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/costelas>, acesso em 9 mar. 2022, “as costelas são ossos planos e curvos que constituem a maior parte da caixa torácica. Elas são extremamente leves, mas altamente resistentes, contribuindo para a proteção dos órgãos torácicos internos”. Ainda, segundo o professor Giovanni Ibba, o termo significa “flanco”, ‘pedaço’, ‘lado’, mas também ‘eixo’. O termo tem outros significados que se deduzem do contexto no qual se encontra. A tradução da palavra no versículo citado é, por tradição, a de ‘costela’, mas expressa mais precisamente uma parte colocada simetricamente com relação a outra igual”. Cf.: <https://pt.aleteia.org/2017/07/30/o-que-representa-a-costela-de-adao-com-a-qual-deus-fez-eva/>, acesso em 9 mar. 2022.

de acácia (setim) geralmente eram pequenos em função do tamanho de sua madeira.¹⁵ Talvez esse material delgado justaposto fosse leve, mas muito resistente¹⁶, o que daria proteção às tábuas do testemunho. Daí a necessidade de revestimento com folhas de ouro por dentro e por fora, o que proporcionava um acabamento estético mais concernente ao sagrado e cúltico.¹⁷

Embora não haja detalhe de que lado (v. 14) – interno ou externo – deveriam ser colocadas as argolas, a ocupação interior da caixa com as tábuas do testemunho (v. 16), que deveria não ser muito grande, e a acomodação delas em estofado de linho para proteger a escritura gravada e preservar o revestimento interno de atrito (CASSUTO, 1997, p. 331, 332) induzem que apenas o seu lado externo estava livre para receber as argolas e as varas. O texto bíblico não especifica se as argolas deveriam ser colocadas nas laterais do lado maior ou menor da caixa, e a versão ACF não informa a que altura¹⁸ elas estariam, já que a dimensão da Arca era de dois côvados e meio de comprimento por um côvado e meio de largura e sua altura de um côvado e meio, o que sugere certa familiaridade do artesão com esse tipo de objeto. Nada é dito sobre a base da Arca, nem sobre o que deveria ela estar apoiada.

Por conseguinte, o relato aponta para a necessidade de fabricação de varas empregando-se o mesmo material da Arca, sem, contudo, mencionar a quantidade delas. Essa deixa quantitativa, do versículo 13, possibilita pensar em duas ou mais varas, o que, de certa forma, dá lastro à solução hermenêutica a ser aqui apresentada. Considerando o relato parcimonioso do objeto, Rad (2006, p. 232) informa que “a narrativa JE (Javista-Eloísta) do tempo no deserto menciona muito pouco a Arca (além de Números 10:35s, só

15 “Em todas as épocas, a madeira de acácia foi utilizada para construção de barcos, obras, móveis, caixões, arcos, flechas e cavilhas (Meiggs, 1982; Western e McLeod, 1995: 79-80)”. Todos os objetos mencionados pelos autores são de pequeno porte. Cf.: GALE; GASSON; HEPPER, 2000, p. 335.

16 O termo ἄσηπιος, presente no texto grego da Septuaginta, evidencia que seus tradutores interpretaram *setim* como madeira de alta resistência e durabilidade.

17 “Os metais preciosos eram considerados inerentemente puros ritualmente, então trazê-los para um templo egípcio não exigia preparação especial”. Cf.: FALK, 2020, p. 65. No ambiente religioso dos antigos israelitas, ao contrário, todo o objeto sagrado introduzido no Tabernáculo foi ungido e santificado, a exemplo da Arca da Aliança: “E aconteceu, no dia em que Moisés acabou de levantar o tabernáculo, e o ungiu, e o santificou, e todos os seus utensílios; também o altar, e todos os seus pertences, e os ungiu, e os santificou” (Números 7:1, ACF).

18 Na visão de Cassuto, o texto em hebraico especifica que as argolas deveriam estar fixadas nos quatro pés da Arca, עַל אַרְבַּע פְּעֻמֹתָי (Êxodo 25:12 WTT), contudo, a versão ACF não traz essa informação. Cf.: CASSUTO, 1997, p. 329. Ademais, Cassuto leciona que os pés da Arca mediam alguns dedos de largura, cujo objetivo era evitar que a arca repousasse diretamente no chão. Ver também: EICHLER, 2015a; OWENS, 1999, p. 346. Em contraponto, o estudioso Kaiser Jr. afirma que o significado de פְּעֻמֹתָי é incerto, contudo, concorda que a tradução “seus pés” traga em si um significado básico. Independentemente da incerteza, as quatro argolas de ouro estão presas nesses pontos do objeto. Cf.: KAISER JR., 2008, p. 595.

mais Números 14:39 - 45)” o que leva vários autores a pensar, e com razão, “que uma narrativa sobre a construção da arca, depois de Êxodo 33: 6, foi suprimida pelo redator para evitar a contradição com P” (“*Priest*”, fonte sacerdotal).

Na invasão de Jerusalém pelos babilônios, a Arca possivelmente foi perdida e não se teve mais notícia dela. Um novo plano para sua reconstrução foi rechaçado pelo profeta Jeremias (BIBLEWORKS 10. Jeremias 3:16, 2015, ACF) (RAD, 2006, p. 690) ainda nos tempos do exílio.

2.1 AS ARGOLAS

Em Êxodo 25:15 (BIBLEWORKS 10, 2015, WTT), o texto massorético é lido: בְּטַבְעֹת הָאֲרוֹן יִהְיוּ הַבַּדִּים לֹא יִסְרוּ מִמֶּנּוּ. Este texto, traduzido *ipsis litteris* ao português, é equivalente a: “Em (as) argolas da arca deverão permanecer as varas, ‘não se tirarão dele’” (tradução do autor).

A palavra “argolas” traduz o hebraico טַבְעָה e é um substantivo feminino plural construto¹⁹ (HOLLADAY, 2013, p. 171). Na *New Revised Standard Version*, a parte “b” desse versículo vem assim traduzida: “...they shall not be taken from it”, e pode ser vertida ao português por “não serão removidas dele(a)”. Uma primeira olhada no texto hebraico pode levar o leitor a pensar que a irremovibilidade exigida se refira às argolas do objeto. Hamilton (2015, p. 1080-81) observa que, como o antecedente de “it” em “not be taken from it” se refere a “argolas”, que é palavra feminina, seria de se esperar מִמֶּנּוּ, *mimenuh* (“from it” = dela) em vez de מִמֶּנּוּ, *mimenu* (“from it = dele).

Contudo, esse teórico aponta cinco outros exemplos, baseados na Massorá, onde מִמֶּנּוּ é usada onde מִמֶּנּוּ deveria ocorrer (BIBLEWORKS 10. Levítico 6:15; 7:18; 27:9; Josué 1:7 e Juízes 11:34, 2015, WTT). Ele ainda dá atenção especial à ocorrência desses termos em Levítico 27:9, que usa primeiro מִמֶּנּוּ e depois מִמֶּנּוּ, em referência a um animal [בְּהֵמָה, (feminina)]. Também em Juízes 11:34 (ibidem), a respeito da filha de Jefté: “...Except for her [מִמֶּנּוּ] he had neither son nor daughter” (NIV). Pode ser também que מִמֶּנּוּ se refira ao objeto “Arca da Aliança”, já que o hebraico אֲרוֹן, *‘aron*, que se traduz diretamente “arca”, é substantivo masculino.

¹⁹ Hamilton apresenta טַבְעָה como forma singular absoluta, divergindo de Holladay. De igual modo, Klein confirma que a palavra é singular e formada pela raiz טבע com o sufixo ה. O significado primário da palavra é “afundar”, “afundar para baixo”, “cunhar” (moeda), “imergir”. Pode significar ainda “por um anel [em alguma coisa]”. Cf.: KLEIN, 1987, p. 240. O dicionarista Chavez atribuiu três sentidos ao termo: 1) anel com selo de identificação, em concordância com Klein (Gênesis 41:42); 2) anel feminino (Êxodo 35:22) e 3) aro para se introduzir uma vara para transportar a arca (Êxodo 25:12). Cf.: CHAVEZ, 1997, p. 207.

Destarte, o texto de Êxodo 25 se estabeleceu em várias versões enfatizando a irremovibilidade das varas de dentro das argolas. Disso resulta o entendimento de que as argolas, sendo peças de fundição e fabricadas à parte, deveriam ser fixadas no objeto de forma permanente. Segundo a narrativa, esse item era todo de ouro, o que o difere materialmente da própria Arca e das varas, porque estas eram feitas de madeira e revestidas de ouro puro e aquele, produto da metalurgia. As argolas fundidas são quantificadas em quatro unidades, o que sugere seus pares para fixação na Arca. “E fundirás para ela quatro argolas de ouro, e as porás nos quatro cantos dela, duas argolas num lado dela, e duas argolas noutro lado” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:12, 2015, ACF).

Nota-se que o procedimento para fixar as argolas de metal nas $\alpha\lambda\gamma\upsilon\iota\eta$ (“costelas”, “lados”) da estrutura não é pormenorizado. Nada é dito sobre a forma desse acessório, se é redonda, oval ou quadrada, ou até mesmo uma pequena projeção lateral na Arca, uma espécie de gancho, em forma de ponta de dedo ($\delta\alpha\kappa\tau\acute{\upsilon}\lambda\iota\omicron\varsigma$), como evidenciado no texto grego. Nesse sentido, Schatz (2007, p. 117) segue Derby (2005) e faz menção ao diâmetro das argolas atribuindo uma forma arredondada a elas – cerca de 5,1 centímetros.

Falk (2020, p. 47-73), ao descrever os tipos de baús egípcios, apresenta um modelo (*henu*) utilizado para metais preciosos, descoberto na tumba da rainha Hetepheres, cerca de 2613–2498 a. C., com a seguinte inscrição na tampa: *henu her dabenu*, “uma caixa com braceletes”. Segundo esse egiptologista:

A liga de prata nas pulseiras consistia em 90% de prata, 9% de ouro e 1% de cobre. As incrustações em forma de borboleta nas pulseiras são de cornalina, turquesa e lápis-lazúli. Sob o forro dourado da caixa havia pequenos itens de toalete. Esses itens incluíam três pequenos pratos de ouro, duas pulseiras de marfim muito deterioradas e uma agulha de cobre (FALK, 2020, p. 63).

Havia outros itens no baú, como um instrumento de manicure de ouro, 13 pulseiras de cobre e ouro e um utensílio de prata provavelmente para cosméticos. Contudo, o que chama a atenção é a similaridade do baú com a descrição bíblica, e o mais interessante é que a caixa é forrada de ouro, tanto por dentro como por fora, à semelhança da Arca da Aliança (Figura 1²⁰).

20 Cf.: FALK, 2020, figura 39.



Figura 1 – Baú *henu* com braceletes. Tumba da rainha Hetepheres, Museu Egípcio. Fonte: Falk, 2020.

Nele estavam guardados braceletes de prata (9 a 11 cm de diâmetro), para uso pessoal, dispostos em varas internas suportados por madeira. Esse tipo de joia é semelhante à argola e talvez fizesse parte do despojo aos egípcios na saída dos israelitas do Egito (BIBLEWORKS 10. Êxodo 12:35, 2015, ACF) e, por isso, tornou-se familiar durante a vagueação no deserto, a ponto de não haver necessidade de especificá-lo de forma detalhada.

Em Êxodo 35:22 (BIBLEWORKS 10, 2015, WTT), numa lista de ofertas para construção do Tabernáculo, o termo תַּעֲבֹט (“argolas”) aparece entre objetos de ouro, e foi traduzido por “anel”, enquanto קִמָּז, *cumaz*²¹ foi traduzido por “bracelete” (ACF). Pode-se, assim, conjecturar que, por razão antropométrica, o diâmetro das argolas da Arca estava associado à circunferência do braço ou antebraço ou, ainda, do dedo, assim como a unidade de medida dela, o côvado, de forma análoga, a distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio.

A economia do relato dos acessórios provoca no leitor uma tensão e insegurança de compreensão quanto à forma e ao local adequado de posicionamento deles. As argolas poderiam estar fixadas no sentido longitudinal da caixa, como também no menor lado. Em consonância a isso, Schatz (2007, p. 117-118) diverge do entendimento de Derby (2005) e posiciona as argolas no menor lado da Arca.

Contudo, como o texto não menciona a que altura elas deveriam ser colocadas, o plano da base também poderia ser uma opção para fixação.

21 Pode se tratar também de um ornamento feminino para o pescoço e o peito (Números 31:50). Cf.: HOLLADAY, 2013, p. 216.

Inclusive, essa alternativa possibilita o apoio do fundo da Arca sobre as varas, ao invés de ficar pendurada nelas. O silêncio quanto à altura do posicionamento das argolas induz que o local de fixação delas era conhecido, talvez num ponto externo da base da caixa, uma argola fixada em cada canto. Mesmo assim remanesce o problema: De que lado do plano externo da base? Do lado maior ou menor de suas laterais?

2.2 AS VARAS OU OS VARAIS

A palavra traduzida por “varas”²² é בָּדִים. Trata-se de um substantivo masculino apresentado no versículo em sua forma plural. O texto da ACF de Números 4:6 (BIBLEWORKS 10, 2015) a traduziu por “varais”²³. Talvez elas tenham origem nos postes de madeira utilizados para erguer tendas. Decorar elegantemente varas com folhas de ouro era uma técnica utilizada pelos egípcios há mais de mil anos antes do êxodo e do período do deserto. Segundo Hoffmeier (2005, p. 206, 207), o mesmo se fazia com os postes que armavam tendas reais portáteis.

As varas eram peças de madeira revestidas de ouro. Nada se sabe sobre seus quantitativos ou formatos. Porém, em harmonia com o que lecionam Derby (2005) e Schatz (2007, p. 117, 118) sobre o formato arredondado das argolas, as varas deveriam possuir igual forma, de modo a proporcionar maior face de contato nas argolas, já que ambos os acessórios trabalhavam em conjunto, ou seja, as varas por dentro das argolas.



Figura 2 – Baú de Anúbis de Tutancâmon. Fonte: Falk, 2020.

22 A ACF no texto do Êxodo optou por traduzir בָּדִים por “varas”. Na redação de Números, a mesma palavra hebraica foi traduzida por “varais”. Contudo, em ambos os contextos, a semântica é a mesma.

23 Neste texto, os termos “varas” e “varais” são usados de forma intercambiável. Ambos, no contexto da Arca, possuem o mesmo valor semântico. Esses acessórios são o cerne desta pesquisa e as argolas, coadjuvantes.

Rad (2006, p. 271), ao comentar a respeito da manifestação da santidade, faz referência a um mínimo de material para representação formal do sagrado, a saber: uma tenda, algumas varas grossas e tapetes. Por essa informação, pode-se imaginar o diâmetro das varas e inferir que elas não eram delgadas, mas suficientemente grossas para suportar o peso da Arca e das tábuas do testemunho. Há possibilidade de que essas varas obedecessem à forma dos lenhos das árvores, naturalmente arredondados. Isso também facilitaria o manejo das varas pelas mãos dos transportadores da Arca. A forma arredondada daria mais apoio e reduziria a fadiga das mãos aos sacerdotes. Evitaria também maior atrito entre as varas e os ombros, conforme se depreende de Números 7:9 (BIBLEWORKS 10, 2015, ACF): “Mas aos filhos de Coate nada deu, porquanto a seu cargo estava o santuário e o levavam aos ombros”.

Outra informação que não se obtém do texto diz respeito ao seu comprimento e diâmetro. Sabe-se que a Arca da Aliança se tornou transportável por longas barras (RAD, 2006, p. 230), mas não se conhece a que proporção em relação ao objeto. O baú de Anúbis, no entanto, sugere um posicionamento das varas da Arca e suas dimensões, conforme se mostra na Figura 2²⁴. Quanto ao tamanho delas, Schatz (2007) discorda de Rad, primeiro porque as posiciona do menor lado do objeto e, por conseguinte, pelo curto transpasse em relação às faces laterais da caixa. Contudo, pode-se supor um comprimento linear não superior a um côvado e meio de transpasse de cada lado – Schatz estipula 60 cm, o que, a grosso modo, representa um côvado – pois isso proporcionaria comodidade aos sacerdotes no carregamento.

Para Hoffmeier (2005, p. 214), a portabilidade da Arca está relacionada às “varas” e aos responsáveis por seu deslocamento. Considerando o tamanho da Arca, pode-se inferir que as varas não eram muito compridas, exceto que transpassavam o tamanho dela a fim de que fossem apoiadas comodamente nos ombros. O objeto não deveria ser tocado por humanos, daí a necessidade de varas com tamanho razoável. A imagem do baú de Anúbis (Figura 2) mostra suas longas varas com segmentos próximos ao de sua lateral maior, dando suporte à ideia de Rad.

Em II Samuel 6:6,7 (BIBLEWORKS 10, 2015, ACF), tem-se a violação do procedimento de transporte da Arca e a cobrança imediata do erro com a morte: “E, chegando à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca

24 Cf.: FALK, 2020, figura 45.

de Deus, e pegou nela; porque os bois a deixavam pender. Então a ira do SENHOR se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta imprudência; e morreu ali junto à arca de Deus”. Esse fato sinaliza que as varas deveriam apoiar muito bem a Arca para mantê-la livre não só de contato humano, mas também de risco de queda. Isso estaria mais garantido com as varas transpassando a Arca pelo plano de sua base. Nessa circunstância, caso houvesse rompimento de alguma argola, o objeto se apoiaria diretamente nas varas, proporcionando segurança até o término do transporte.

2.3 A DISPOSIÇÃO DAS VARAS

Apenas com a simples leitura do texto de Êxodo não é possível saber exatamente onde e como esses acessórios eram dispostos. Presume-se pelas lacunas de informação textual e pelo que se conhece de arquitetura de objetos antigos similares, principalmente egípcios, que, possivelmente, as varas transportadoras da Arca estivessem localizadas na sua lateral maior, a uma altura mediana ou até mesmo próxima de sua base ou de seu topo, e que realmente esses acessórios, inicialmente, não eram fixos, como é possível se deduzir por meio de recentes representações iconográficas da Arca.

Todavia, nada impede que a lateral menor também seja pensada para a colocação desses acessórios, nessas mesmas opções de altura. Inicialmente, essas peças eram portáteis e removíveis, pois a Bíblia menciona a necessidade de se enfiar as varas nas argolas, conforme Êxodo 25:14 (BIBLEWORKS 10, 2015, ACF): “E colocarás as varas nas argolas, aos lados da arca, para se levar com elas a arca”.

Não obstante, acredita-se que esse procedimento deveria ser observado uma única vez, na preparação da Arca para o Tabernáculo (BIBLEWORKS 10. Êxodo 37:5, 2015, ACF). Doravante, não deveriam ser removidas: “As varas estarão nas argolas da arca, não se tirarão dela” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:15, 2015, ACF). Já em Números 4:6, as varas deveriam ser colocadas: “...e lhe colocarão os varais” (BIBLEWORKS, 2015, ACF).

É interessante notar que essa discordância textual só ocorre com relação à Arca. Não há esse tipo de orientação para outros objetos portáteis conduzidos por varas, a exemplo da mesa, do altar de bronze e do altar do incenso (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:27,28; 27:6; 30:4, 2015, ACF).

Outra possibilidade de concepção das varas é imaginá-las como acessórios telescópicos, cuja extensão fosse possível para fins de carregamento. Nesse ponto de vista, as varas poderiam ser retraídas e de certa forma escamoteadas ao repousar a Arca no santíssimo.

3 ICONOGRAFIA E ANÁLISE COMPARADA

A proibição do uso de imagens no Sinai desestimulou algumas representações artísticas da realidade²⁵, notadamente as criações de cunho religioso que representassem algo divino, contudo, não abafou toda a arte no âmbito da religião (RAD, 2006, p. 354). O segundo mandamento do Decálogo mitigou a transmissão da cultura iconográfica material israelita remanescente. Dessa forma, não se tem nenhuma imagem da Arca da Aliança que foi construída no Sinai. Não existe réplica nem retrato. A Arqueologia ainda não conseguiu encontrá-la ou localizar vestígio.

Na atualidade, a representação do objeto geralmente se dá por meio de imagens planas e tridimensionais, resultantes de um afã imaginativo e artístico, que visa resgatar a iconografia de um objeto fundamental da religião dos antigos israelitas baseada em releituras do texto bíblico e reelaborações artísticas antigas. Comparar *designs* atuais da arca com achados contemporâneos afins possibilita chegar cada vez mais perto de um objeto icônico.

Para isso, a antiguidade vem à tona, por meio de escavações arqueológicas, e contribui assaz no estudo comparado, subsidiando, de certa forma, com objetos congêneres, a remição iconográfica, ainda que parcial e discorde desse importante ícone religioso. Apesar dessa iconoclastia²⁶ pós-exílica propagada pela fonte deuteronomista, remanesce na bíblica Cafarnaum, em Israel, de época mais recente, uma escultura em pedra que retrata a Arca da Aliança sobre rodas (BIBLEWORKS 10. II Samuel 6:7-12, 2015, ACF), num estilo muito próximo a um baú do antigo Egito²⁷ (Figura 3²⁸).

25 Rad defende que no Sinai, “Israel não viu nenhuma figura de Javé, mas somente ouviu a sua voz provinda do meio do fogo”. Cf.: RAD, 2006, p. 212.

26 De acordo com Cardoso, David Freedberg chama a atenção ao fato de que “as culturas religiosas sem imagens são um profundo e persistente mito historiográfico. Para ele, mesmo as culturas religiosas como a cristã e judaica, que chegam até a iconoclastia, convivem com imagens e dependem delas em sua sobrevivência”. Cf.: CARDOSO, 2015, p. 27.

27 Restos de baús do antigo Egito evidenciam que alguns desses objetos possuíam a tampa arredondada. Ver: KILLEN, 2017, vol. II, p. 19.

28 Imagem disponível em: <https://doi.org/10.1515/EBR.arkofthecovenant> Acesso em: 9 mar. 2022.



Figura 3 - Escultura em pedra da Arca. Cafarnaum, Galileia, Israel. Fonte: De Gruyter, 2009.

O entalhamento materializa o relato da Arca do Êxodo sob o prisma bizantino, porém, não é fácil observar, à primeira vista, representação dos acessórios da narrativa. Um exame comparado mostra que a arte foi esculpida num material semelhante à natureza da madeira prescrita. A tampa nervurada, apoiada por cinco pequenas hastes e cinco colunas e capitéis, na lateral maior, formam o esqueleto.

Esses entalhes representam pequenos pedaços de “madeira” e podem fazer analogia ao termo “costela”, tal como se lê no texto em hebraico. As rodas da base têm relação com as argolas e, por serem aos pares nas laterais simétricas, concordam com a cardinalidade bíblica. Os eixos das rodas assumem o papel das varas e indicam que estas suportavam o objeto não em suas laterais, mas no plano da base, e são fixas. Por conseguinte, a escultura resgata a memória do objeto, concebe um monumento artístico que expressa o pensamento contemporâneo e provê parâmetros de interpretação à narrativa que a concebe.

No Brasil, uma profusão fabril de arcas avança oferecendo tamanhos e modelos variados. Elas resultam de uma representação confessional do que seria a Arca da Aliança. Há um repertório iconográfico de múltiplas concepções e para todos os gostos. Esse fervor surgiu em função de um nicho mercantilista religioso que insiste na inserção do objeto em alguns círculos cristãos e o propaga como reconstrução legítima do modelo bíblico.²⁹

29 KAISER Jr. observa que “a palavra mais importante sobre o santuário é que ele deve ser construído de acordo com o “padrão” que Deus mostrará a Moisés. A palavra תבנית, *Tabnît*, “padrão” [Ex. 25:9, 40], vem do verbo *bnh* (“construir”) – uma palavra que sinaliza a presença de tipologia, pois este é apenas um “modelo, réplica ou padrão” da coisa real (ver v. 40). *Tabnît* ocorre vinte vezes no AT. Em Atos 7:44 e Hebreus 8:5, τύπος é usado para traduzir *Tabnît*. Houtman, 3:345-46, nega que houvesse um santuário celestial (um “*Urbild*”) usado como um modelo real separado do tabernáculo. Pseudo-Filo (9.15),

A Figura 4³⁰ exemplifica um dos modelos nacionais e concebe o objeto em sua dimensão relativa com diversos detalhes artísticos, frutos da imaginação do poeta.



Figura 4 – A Grande Arca da Aliança

Sua simetria evidencia a quantidade de argolas de acordo com a redação bíblica. Elas são fixadas no topo superior do maior lado e têm as varas transpassando toda a lateral, com uma extensão projetada para além das faces menores. Nota-se que a disposição das argolas e das varas diferem substancialmente do modelo apresentado na escultura da Figura 3. Embora não se saiba, por meio dos textos bíblicos, onde as argolas eram fixadas, o modelo da Figura 4 não apresenta compatibilidade que explique a aparente contradição entre os versículos de Êxodo e Números. Outrossim, a ponteira bola de acabamento nas extremidades das varas impede a remoção destas pela argola e indica que elas são peças fixas.

Um outro modelo nacional expressou um pensamento diferente e construiu a arca conforme registra a Figura 5.³¹

no entanto, argumentou que Deus mostrou a Moisés uma semelhança dos objetos que ele deveria fazer; assim, temos um aviso embutido de que o tabernáculo é temporário; o real ainda está por vir em algum momento futuro. O que está sendo construído agora tem uma obsolescência embutida desde o início” (tradução nossa). Cf.: KAISER JR., 2008, p. 465.

30 Arca da Aliança GG, código ArcGG30cm, fabricada em plástico ABS, dourado. Medidas externas aproximadas: 38cm (varas) e 30cm x 18cm x 27cm de altura (arca com tampa). Espaço interno aproximado: 24cm de comprimento x 13cm de largura x 15cm de profundidade. Peso: 1,3 kg. Imagem e descrição disponível em: <https://www.casadopastor.com.br/arca-da-alianca-gg-em-plastico-abs>. Acesso em: 9 mar. 2022.

31 Réplica da Arca da Aliança, trabalhada em madeira, resina e treliça. Modelo especial, excelente acabamento e *design*. Altura: 45cm; largura: 32cm; comprimento (caixa): 50cm. Hastes: 1m. Imagem e descrição disponível em: <https://www.resgategospel.com.br/produtos/arca-da-alianca-replica-extra-grande-modelo-especial/>. Acesso em: 9 mar. 2022.



Figura 5 – Arca da Aliança. Réplica extravagante. Modelo especial

A quantidade de argolas obedece à prescrição bíblica, mas observa-se, por outro lado, que, no entendimento deste artífice, elas eram fixadas no ponto mediano de sua lateral maior, numa moldura trabalhada possivelmente em madeira, divergindo substancialmente nesse aspecto dos modelos das figuras 3 e 4. Quanto à disposição e tamanho das varas, as figuras 4 e 5 concordam entre si. Contudo, o modelo também não apresenta um *design* que explique a removibilidade ou não das varas. Aliás, nesse modelo parece também haver acabamento fixo nas extremidades das varas (ponteira bola) que as impedem de deslizar nas argolas e sair delas³². Depreende-se, portanto, da Figura 5, que as varas do objeto são fixas. Uma terceira opção, internacional, pode ser vista na Figura 6.³³

O criador desta arte construiu os lados maiores da arca com painel treliçado, talvez para, por meio dela, expressar a ideia da palavra “costela”. Parece haver quatro pilares que sustentam o tampo, o que remete à configuração da Figura 3 e concorda parcialmente com ela quanto a esse aspecto.

32 Para o teórico Kaiser Jr., as varas de madeira de setim deslizavam pelas argolas para transportar a arca (Êxodo 25:13-14), porém não deveriam ser removidas das argolas (v. 15). Cf.: KAISER JR., 2008, p. 468-69.

33 Arca da Aliança, em metal, dourada, marca Shofars from Afar. Número da peça: 1125892. Dimensões: 27,94 x 16,51 x 20,32. Peso: 2,27 kg. ASIN: B0049Q1168. EAN: 0739651125892, 0773838062648. Imagem e informações disponíveis em: <https://www.amazon.com.br/Grande-Arca-Alian%C3%A7a-Base-Cobre/dp/B0049Q1168>. Acesso em: 9 mar. 2022.



Figura 6 – Grande Arca da Aliança na base de cobre. Marca Shofars from Afar

Nesse modelo, as argolas, em número de quatro, estão presas na base da lateral maior, evidenciando outra concepção quanto ao local de fixação desses acessórios – próximos dos pés, de modo análogo ao que pode ser visto nos baús de Anúbis e Tutancâmon. A forma como as varas foram idealizadas e seus transpasses laterais concordam com as figuras 4 e 5. Ademais, elas parecem fixas nas argolas, ou, ainda, engastadas nelas.

Um considerável lapso temporal entre a efetiva construção da Arca no Sinai, o desestímulo profético para se fazer outra (BIBLEWORKS 10. Jeremias 3:16, 2015, ACF) e o exíguo repertório iconográfico de Israel são elementos que dificultam sua reconstrução e, simultaneamente, favorecem uma diversidade de *designs* artísticos para o objeto em todos os tempos. Essa pluralidade conceitual evidencia dificuldades de consenso quanto ao posicionamento de alguns de seus acessórios, especialmente as argolas e a mobilidade ou não de suas varas.

Os trabalhos arqueológicos de Howard Carter, no início do século XX, trouxeram grande contribuição para a história do antigo Egito e, concomitantemente, para a pesquisa bíblica, porque uma coleção de objetos encontrados em câmara mortuária nessa ocasião são basilares não só para a investigação do passado dessa cultura, mas também para a visualização de imagens de objetos egípcios tão importantes no estudo iconográfico comparado e este, por sua vez, coadjuvar a interpretação bíblica.

Durante a empreitada de Howard Carter, um artefato de madeira, provavelmente produzido no Egito e não tão distante da época da vagueação dos israelitas no deserto, foi descoberto na tumba de Tutancâmon, em 1922 (Figura 7³⁴), no Vale dos Reis.



Figura 7 - Baú de Tutancâmon, reproduzido com permissão do Griffith Institute, University of Oxford

Ele apresenta similaridades com a descrição bíblica da Arca da Aliança³⁵ e, também, em alguns aspectos, com *designs* mais recentes dela. A tampa do baú em duas águas se aproxima do formato arqueado da escultura de Cafarnaum (Figura 3). Seus aspectos dimensionais análogos aos do relato bíblico (EICHLER, 2016, p. 737) concordam com as dimensões relativas de todas as figuras de arcas aqui apresentadas.

Não há, aparentemente, argolas fixas em suas laterais, exceto que estejam escamoteadas. Dois varais posicionados em seu fundo chamam a atenção. Eles parecem peças inteiras que transpassam o plano da base de um lado a outro e servem para alceamento e transporte. De certa forma, esse detalhe muito se assemelha à concepção do objeto da Figura 3, que tem as suas varas (eixos) sob a estrutura da arca, exceto que elas estão posicionadas do menor lado. Ele difere, neste ponto, dos objetos das demais figuras e isso o torna relevante. Resta examinar a base do baú para ver se ele possui argolas e como seus varais se posicionam, se são fixos ou móveis. A Figura 8 mostra o plano da base do mesmo baú da Figura 7 e é a imagem fundamental deste estudo.

34 O baú de Tutancâmon mostrado nesta imagem exemplifica o trabalho esmerado dos habilidosos artesãos egípcios e o uso requintado de materiais. Ele é feito de ébano e madeira vermelha, provavelmente o cedro vermelho. É o único exemplar conhecido de um antigo baú portátil egípcio. Cf.: GILBERT; HOLT; HUDSON, 1976, plate 7.

35 Na borda superior da tampa do baú de Tutancâmon há um acabamento similar ao da arca bíblica. De acordo com Eichler, o baú possui uma coroa com cornija em cavetto, característica que foi identificada com o ⲛ que adorna a arca no relato sacerdotal. Cf. EICHLER, 2016, p. 733-741; 2014, p. 196-210.

Por ela, vê-se quatro pequenas placas retangulares, provavelmente de madeira, onde estão presas as argolas. Essas placas estão fixadas na madeira do fundo do baú. Cada placa suporta um conjunto de argolas, uma argola próxima da face da lateral menor e a outra, alinhada com esta, recuada a poucos centímetros. Visualmente transparece que a argola recuada é mais grossa, enquanto a próxima da lateral é mais fina.

Os varais não são peças inteiras, mas quatro unidades distintas, boleadas, para perpassar as argolas. Os acabamentos das extremidades dos varais são diferentes. Uma extremidade tem a forma arredondada e a outra possui um anel saliente entalhado, que impede a passagem desta extremidade da vara pela argola. Eles estão posicionados longitudinalmente em relação à base. Juntos no ponto do anel entalhado e alinhados na mesma direção, suas extremidades arredondadas faceiam com os menores lados do baú. Quando em uso, cada conjunto de argola é atravessado por um varal. A extremidade arredondada do varal é encaixada na argola e desliza por todo o conjunto no sentido da lateral menor até o anel saliente encostar na argola recuada, delimitando o deslizamento máximo do varal.

Dessa maneira, a fixação das argolas na base do baú, o mecanismo de acoplamento das varas, o deslizamento pelas argolas e a extensão máxima das varas na sua base oferecem, em conjunto, uma solução para a aparente contradição dos textos de Êxodo e Números. “As varas estarão nas argolas da arca, não se tirarão dela” (BIBLEWORKS 10. Êxodo 25:15, 2015, ACF) pode significar que depois que a Arca da Aliança foi acabada, as varas foram colocadas nas argolas e estendidas até o máximo de projeção lateral.

Possivelmente, quando a Arca repousou no santíssimo, as varas foram retraídas, deslizando pelas argolas e ficando escamoteadas sob a base, porém, permaneciam enfiadas nas argolas. Esse pode ser o ponto de vista do redator sacerdotal e explica a informação desse versículo. De outro modo, Números apresenta seu texto de uma perspectiva diferente: “...e lhe colocarão os varais” (BIBLEWORKS 10. Números 4:6, 2015, ACF). “Colocar os varais” não significa necessariamente que eles foram removidos, no entanto, pode significar que, estando em repouso e retraídos sob a Arca, na hora de sua mobilização, que é exatamente o contexto dessa passagem, deveriam ser estendidos para alceamento e carregamento. Uma tradição posterior concorda com uma posição mais extensível dos varais (BIBLEWORKS 10. I Reis 8:7,8; II Crônicas 5:8-9, 2015, ACF).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aparente problema de discordância suscitado pelos versículos supracitados, a arqueologia das terras bíblicas se mostra fundamental para recuperar e desvendar a cultura material de lugares e épocas distantes e, por isso, desempenha importante papel na elucidação de textos e contextos bíblicos. Essa ciência e outras coadjuvantes têm prestado uma inestimável contribuição para a Teologia, especialmente para a interpretação bíblica.

A literatura especializada comprova essa contribuição científica interdisciplinar que possibilita superar a fragmentação do conhecimento. Os valores interdisciplinares agregados ao tema foram trabalhados por alguns autores na construção de abordagens particulares da Arca. Cada um investigou os aspectos da Arca que lhe interessaram. O professor Raanan Eichler tentou reconstruir, de forma contundente, a historicidade cültica desse objeto em sua dimensão natural. Outros o compreenderam como paládio de guerra e até mesmo objeto de ficção. Os autores que vislumbram a existência concreta da Arca geralmente têm seus materiais suportados por evidências arqueológicas e análise documental de imagens, a exemplo do egiptologista David Falk.

Nesse diapasão, notou-se como as descobertas de objetos paralelos ao do texto bíblico podem, por meio de um estudo iconográfico comparado, prover munições para a compreensão e interpretação de difíceis e aparentemente contraditórios textos da Bíblia. Conquanto não se tenha imagens da Arca da Aliança relativamente próximas da época de sua construção que defina exatamente como era a sua forma e serventia, foi possível constatar que a descrição bíblica e as tradições orais viabilizaram criações *a posteriori* desse importante objeto cültico.

Dadas as múltiplas funções da Arca, transpareceu que o motivo inicial para a sua construção no Sinai foi o de repositório para as tábuas da Lei. Como evidência de um pacto perenal, a pedra foi, na ocasião, o material utilizado para sinalizar firmeza e permanência de um evento *ad eternum*, o que é reconfirmado na função primária de preservação e transmissão de um documento escrito em pedra.

As interpretações poéticas da Arca no tempo, conquanto esparsas, possibilitaram a fundamentação de analogias e enriqueceram o estudo. Observou-se que a transmissão iconográfica israelita remanescente e as manifestações artísticas em diferentes períodos históricos preservaram traços comuns da Arca. Eles puderam ser analisados e comparados à luz dos objetos arqueológicos e os textos bíblicos. Em outros aspectos, a exemplo das argolas e varais, há concepções adversas ao relato bíblico concernente. No entanto, as narrativas deuteronomistas apresentam diferentes cenários que ensejam manifestações provocantes do objeto.

Quanto à sua procedência, a Arca continua sendo tema de investigação. Sua materialidade, forma e função não encontraram pleno consenso na academia como objeto histórico. As evidências arqueológicas confirmam que o ambiente mais propício para seu surgimento não deve ser outro senão o egípcio. Esse vínculo de origem está atrelado ao evento do êxodo israelita. Uma convivência entre os egípcios e a consequente troca de experiência favoreceu a assimilação de algum conhecimento, quer técnico ou prático, no labor artesanal do antigo Israel.

O estudo comparado das figuras, sobretudo as decorrentes de achados arqueológicos egípcios, possibilitou considerar que a forma geométrica da Arca da Aliança (um retângulo tridimensional: paralelepípedo) praticamente se mantém inalterada e aceita por alguns milênios. Seu modelo geral abaulado, em forma de caixa com tampa, está presente em toda a sua história. Há que se falar da variação específica de sua tampa, que ora é representada de forma arqueada, em triângulo (duas águas) ou tampa plana. Algumas arcas utilizadas nas sinagogas para guardar os rolos manuscritos da Torá possuem a cobertura em duas águas (triangular), conservando, em alguma medida, uma antiga tradição de cobertura ou tampa.

Em sua forma abaulada, a tampa da Arca e suas laterais em “costela” podem representar o feitiço arqueado da costela humana. Os ossos em forma de semiarco são sustentados por um eixo ósseo central, formando uma grande caixa para a proteção de órgãos vitais, como o pulmão e os rins. De modo semelhante, o esqueleto em madeira da Arca protegia as tábuas da Lei. Contudo, em se tratando da Arca em si, como objeto histórico representado, essas variações artísticas genéricas não têm, até agora, suscitado dificuldades de entendimento de algum texto bíblico.

O problema diz respeito aos seus acessórios e à forma como eles estavam unidos a Arca. A Figura 3, uma antiga representação da Arca já conhecida, evidencia uma concepção de sua tampa, assim como, de forma comparada, a Figura 7 mostra uma outra opção. No entanto, a imagem da escultura (Figura 3) interpreta sua descrição associando-a a seu carregamento num carro de bois. Nesse contexto, reler a Figura 3 permite inferir que os eixos do carro, que passam pelas rodas em pares, representam as varas, ao mesmo tempo em que os aros das rodas, em quatro por simetria, tendo em si os eixos enfiados, representam as argolas. Esse é um entendimento para além da narrativa do Êxodo, porém guarda em si uma relação lógica respaldada por um contexto histórico posterior do objeto. Por outro lado, uma interpretação baseada no texto descritivo do Êxodo se legitima, em alguma medida, por comparar dados textuais bíblicos com um achado (imagem) de arquitetura afim. Além disso, as configurações dos objetos das figuras 2, 7 e 8 se adéquam à descrição do modelo bíblico e contribuem na solução de um problema textual.

Inicialmente concebido de forma arredondada, o formato das argolas foi confirmado pela análise documentária de imagens. Nesse caso, a hipótese inicial, baseada na dendrologia e anatomia dos lenhos, foi reconfirmada pelos formatos dos braceletes encontrados no baú da rainha Hetepheres (Figura 1) e mais recentemente pela análise do conteúdo informacional e dimensão expressiva das duplas argolas do baú de Tutancâmon (Figura 8). A presença de *mimenu* no texto hebraico de Êxodo 25:15 (BIBLEWORKS, 2015, WTT) possibilitou também uma interpretação de irremovibilidade das argolas, não obstante as traduções ao vernáculo reservarem essa característica às varas. Esse comportamento do hebraico bíblico no Pentateuco merece ser posteriormente investigado.

Os baús de Anúbis e Tutancâmon foram úteis na compreensão dos traços da Arca da Aliança e seus acessórios. Seus *designs* fazem com que o estudioso encontre uma solução plausível com fundamento numa cultura material correlata, muito antiga e próxima do contexto do qual se apresentou a dificuldade hermenêutica. Os varais do baú de Anúbis se posicionam longitudinalmente na base de sua estrutura e condicionam a mesma posição para a Arca bíblica.

Com dimensões análogas à Arca da Aliança, o baú de Tutancâmon apresenta argolas fixas em sua base, no plano inferior da caixa, do lado

externo. Com o auxílio de imagens (figuras 7 e 8) foi possível perceber que as argolas por baixo do baú davam suporte às varas de madeira e que estas eram escamoteadas sob a sua base. Elas eram retráteis e perfeitamente telescópicas, ou seja, só eram totalmente estendidas por ocasião da mobilização do baú.

Esse tipo de baú egípcio pode ter influenciado a construção da Arca, servindo como paradigma na sua consecução artística final. Assim, nessa perspectiva, ambos os textos, aparentemente contraditórios, são perfeitamente harmoniosos e explicam que de fato as varas não eram removidas da Arca, mas estendíveis e retráteis. A presente pesquisa não encontrou contradição nos textos básicos que sustentam a formulação do problema inicial, pois concluiu que as argolas são acessórios fixos e que se prendiam no plano do fundo da arca, no sentido de sua lateral maior, próximos dos pés, como visto na Figura 8; as varas, objetos removíveis, no sentido de se poder retirá-las das argolas sem danificá-las e, também, móveis, no sentido de seu deslizamento pelas argolas até o limite do anel de trava de extensão máxima e sua retração sob a Arca quando em repouso. Portanto, essa síntese final responde à pergunta inicialmente formulada.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, William R. **Ephod and ark**: a study in the records and religion of the ancient hebrews. Cambridge: Harvard University Press, 1917 (Harvard Theological Studies III).

ACKERMAN, Susan. Ark of the Covenant. In: FREEDMAN, David Noel; MYERS, ALLEN, C.; BECK, Astrid B. (ed.). **Eerdmans dictionary of the Bible**. Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans, 2000.

BAKER, David L. **Two testaments, one Bible**. 3rd edition. Illinois: IVP Academic, 2010.

Bíblia Hebraica. **Versão Leningrad Hebrew Old Testament – WTT**. BibleWorks, v. 10, 2015

BIBLEWORKS, 2015, versão 10.

BÍBLIA SAGRADA. **Versão Almeida, Corrigida e Fiel – ACF**. BibleWorks, v. 10, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. **Versão Almeida, Revista e Atualizada – ARA**. BibleWorks, v. 10, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. **Versão Almeida, Revista e Corrigida – ARC**. BibleWorks, v. 10, 2015.

BRIGHT, John. **La história de Israel**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2003.

CARDOSO, Silas Klein. **A imagem se fez livro. A materialidade da Torah e a invenção do aniconismo pós-exílico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

CASSUTO, Umberto. **A commentary on the book of Exodus**. Jerusalem: Magnes, 1997.

CHAVEZ, Moisés. **Diccionario de hebreo bíblico**. Texas: Editorial Mundo Hispano, 1997.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa. Métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DERBY, Josiah. The gold of the ark. **Jewish Bible Quarterly**, v. 33, n. 4, p. 253-256, 2005.

EICHLER, Raanan. The meaning of zēr. **Vetus Testamentum**, v. 64, p. 196-210, 2014.

EICHLER, Raanan. The meaning of pa'am in the context of furniture. **Journal of Semitic Studies**, v. LX, n. 1, p. 1-18, 2015a.

EICHLER, Raanan. **The ark and the cherubim**. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Hebraica de Jerusalém, Jerusalém, 2015b. v. 1.

EICHLER, Raanan. The poles of the ark: on the ins and outs of a textual contradiction. **Journal of Biblical Literature**, v. 135, n. 4, p. 733-741, 2016.

FALK, David A. **The ark of the covenant in its egyptian context: an illustrated journey**. Massachusetts: Hendrickson Academic, 2020.

- GALE, Rowena; GASSON, Peter; HEPPER, Nigel. Wood [Botany]. In: NICHOLSON, Paul T.; SHAW, Ian (ed.). **Ancient Egyptian Materials and Technology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- GILBERT, Katharine Stoddert; HOLT, Joan K. Holt; HUDSON, Sara. **Treasures of Tutankhamun**. National Gallery of Art. Field Museum of Natural History and the University of Chicago. New Orleans Museum of Art. Los Angeles Country Museum of Art. Seattle Art Museum. The Metropolitan Museum of Art, 1976.
- HAMILTON, Victor P. **Exodus. An exegetical commentary**. Michigan: Baker Academic, 2011.
- HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **A survey of the Old Testament**. 3rd edition. Michigan: Zondervan, 2010.
- HOFFMEIER, James K. **Ancient Israel in Sinai. The evidence for the authenticity of the wilderness tradition**. New York: Oxford University Press, 2005.
- HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- HOLY BIBLE. **New International Version – NVI**. BibleWorks, v. 10, 2015.
- HOLY BIBLE. **New Revised Standard Version – NRS**. BibleWorks, v. 10, 2015.
- KAISER JR., Walter C. **The expositor's bible commentary: Exodus**. Revised Edition. Michigan: Zondervan, 2008.
- KILLEN, Geoffrey. **Boxes, Chests and Footstools of Ancient Egyptian Furniture**. Havertown: OxBow Books, 2017. v. II.
- KITCHEN, Kenneth A., and תירבה ןקתמ — תירבה ןורא. “גצטיק גא תנק / The Tabernacle – A bronze era artifact. **Eretz-Israel: Archaeological, Historical and Geographical Studies** / היתוקיתעו קראה תעידיב מירקחמ: לארשי-קרא , p. 119-129, 1993.
- KLEIN, Ernest. **A comprehensive etymological dictionary of the hebrew language for readers of english**. Jerusalem: Carta, 1987.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The hebrew and aramaic lexicon of the Old Testament (HALOT)**. Brill, 2000, 1 CD-ROM.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARTINI, Fátima R. S. História do mobiliário: Egito antigo. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 13, n. 1, p. 11-24, jan./jun. 2016.

NOEGEL, Scott B. The egyptian origin of the ark of the covenant. *In*: LEVY, T. E.; SCHNEIDER, T.; PROPP, W. H. (ed.). **Israel's Exodus in Transdisciplinary Perspective**: Text, Archaeology, Culture and Geoscience. Cham: Springer, 2015, p. 223-242.

OWENS, John Joseph. **Analytical Key to the Old Testament**. Michigan: Baker Books, 1999.

RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Targumim, 2006.

SARNA, Nahum. **Exploring Exodus. The heritage of biblical Israel**. New York: Schocken Book, 1987.

SCHATZ, Elihu A. The weight of the ark of the covenant. **Jewish Bible Quarterly**, v. 35, n. 2, p. 115-118, 2007.

SEOW, C. L. Ark of the covenant. *In*: FREEDMAN, David Noel (org.). **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 1. p. 386-393.

VV. AA. **Vademecum para o estudo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 78-79.